



MEMÓRIA DOS CONFLITOS SOCIAIS: AS LUTAS DOS EX-MORADORES DA LAGOA DO MATO

Roseli Ramos de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: roseramos41@gmail.com

José Alves Dias

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

1790

INTRODUÇÃO

O presente estudo é o recorte de uma pesquisa que vem sendo realizada, em nível de doutorado, no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, e tem como objetivo analisar a memória coletiva/social dos ex-moradores da Lagoa do Mato impactados por lutas, conflitos e pelas alterações no seu cotidiano.

Fato é que, no ano de 1980, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) iniciou as obras da barragem, submergindo ao menos oito (8) comunidades rurais, visto que estudos anteriores confirmaram as condições topográficas e de localização como favoráveis para construção de uma barragem para obtenção de água (CODEVASF, 1960).

Ao longo da pesquisa fica evidente que a ação de grupos econômicos capitalistas na estrutura do Estado. Isso ocorre porque ele visa atender aos interesses da classe dominante, ocasionando os enfrentamentos e as disputas em detrimento de vantagens para o conjunto da sociedade.

Nesse sentido, para conter as investidas do capital e resistir aos projetos de barragens, surge o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), com intensa ação coletiva, de organização, mobilização e de luta com o ideário comum em defesa dos atingidos por barragens no Brasil (MAB, 2022).

Buscando incorporar os aspectos teóricos sobre movimentos sociais, diversos autores têm se debruçado sobre a temática, entre eles estão: Habermas, Jürgen (1981); Touraine, Alain (1989) e Melucci, Alberto (1980). Por questões metodológicas, centremo-nos na autora Maria da Glória Gohn, pois ela trata do papel dos movimentos



sociais nas interfaces dos problemas sociais que impulsionam as mobilizações, as lutas em defesa das garantias de direitos coletivos.

Dito isto, os atos que emergem de “manifestações concretas dos próprios movimentos são vistos como processos sociopolíticos e culturais da sociedade civil, num universo de forças sociais em conflito” (GOHN, 1997, p. 245). Contudo, as lutas de deslocados de barragem repercutem no cotidiano das histórias de vida, na resistência e na mobilização dos grupos, ao qual buscamos contextualizar o fenômeno da memória da comunidade na relação do que é proposto em Halbwachs (1990, p. 16).

1791

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.

Por assim dizer, trataremos do fenômeno da memória analisado de acordo com a dimensão coletiva, averiguada, embrionariamente, pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990), o qual esclarece que a capacidade que temos de recordar está no grupo, e o esquecimento advém do afastamento desse grupo.

Aqui a ideia de grupo se amplia com o autor Halbwachs (1990) para conceito de memória coletiva desdobrada, posteriormente, pelos autores Fentress e Wickham (1992), que se debruçaram sobre o conceito de memória social. Da teoria desenvolvida pelos autores, fazemos uma aproximação para tratar da memória dos conflitos da comunidade da Lagoa do Mato, recorrendo ao conceito de memória social para explicar as relações mantidas por um espírito coletivo, por assim dizer, no contexto das relações sociais.

METODOLOGIA

Na construção do percurso metodológico desta pesquisa, elegemos uma abordagem qualitativa, utilizando a história oral, que vem sendo incorporada como método de pesquisa, em variadas áreas do conhecimento, com aplicação inicial em estudos interdisciplinares, como exposto por Alberti (1990).

Com relação aos aspectos teóricos, buscamos a utilização do conceito de “movimentos sociais”, em Maria da Glória Gohn (1997). Para tratar da “memória coletiva”, buscamos suporte em Halbwachs (1990) que trata desse conceito, estruturado

Realização:



Apoio:





nas ideias de grupos interligados nas experiências em sociedade.

Esse construto foi ampliado pelo antropólogo James Fentress e pelo historiador Chris Wickham (1992), que propõem o conceito de “memória social” a partir das verdades individuais dos membros de determinado grupo, no contexto de suas próprias tradições e relações. Além disso, os autores afirmam que “a memória social é uma fonte de conhecimento e que também fornece ao grupo material para reflexão consciente” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 26).

Quanto ao *corpus* documental, amparamo-nos em fontes escritas encontradas em sites da CODEVASF e do MAB, acessados para buscar informações sobre o tema da pesquisa.

Quanto à investigação de campo, utilizamos como instrumento de coleta questionários e entrevistas, ambos realizados nos meses de outubro a dezembro de 2021. Com relação às fontes orais, foram obtidas através de entrevistas realizadas com 3 (três) ex-moradores e (01) um representante da Emater-Ba. As análises de dados possibilitaram organizar as informações e o fornecimento de respostas propostas para esta investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao elaborar o projeto técnico para a construção da barragem em Paramirim, a empresa do governo, a Codevasf, não pensou na população e nos vários impactos ocasionados, principalmente, na história e na memória dos moradores. Segundo as entrevistas colhidas, a construção da barragem não apresentava um plano de reassentamento concreto e de viabilidade do empreendimento, o que levou a comunidade, de certa maneira, a viver por anos um cotidiano truculento e conflituoso.

Ao serem questionados sobre o fato de terem possíveis conflitos envolvendo a construção da barragem, os participantes responderam.

1792

Realização:



Apoio:





Gráfico 1: Ex-moradores deslocados

Sabe dizer se já houve possíveis conflitos envolvendo a construção da barragem?

- Sim
- Não sabe ou não quer responder.
- Não



1793

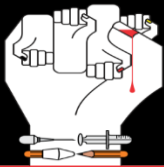
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2021.

Dos ex-moradores entrevistados, 90,48% afirmam que houve conflito envolvendo a construção da barragem. 4,76% responderam que não e 4,76% não sabem ou não quiseram responder. Pelos dados, fica evidenciado que a resistência foi constante, pois a luta era um sinalizador da insatisfação dos então moradores para pressionarem a empresa do governo a cumprir com os acordos perante a comunidade, como pode ser observado na entrevista de um dos representantes da Emater-Ba, que ratifica o que aponta o gráfico 1: “As mobilizações eram: ocupação do canteiro de obra da Queiroz Galvão, interdição de estrada, ocupação de estrada com obstáculos e madeira” (Entrevistado 1, 2021).

O entrevistado confirma a existência de mobilizações para protestar contra a Codevasf. O conflito era inevitável, pois as investidas da comunidade ocorriam sem obtenção de respostas pelo órgão, como pode ser observado na narrativa da entrevistada.

Mas nós fizemos um horror minha irmã... para não sair, teve muito choro. Quase nós bate nesse povo da barragem, nesse povo de fora [...] nós tudo contrariando [aí pegou menina] fazendo uma barreira de pau para eles não entrar. Aí fechamos a estrada de Água Quente. A mulherada ia ajudando os homem (risos). Tudo cortando pau nas estradas. Ai agora, nós pegou mais tempo e ficou morando lá ainda uns quatro ou cinco anos. (Entrevistado 2, 2021)

Fato é que, por não ter uma posição da empresa com relação a um plano de reassentamento e dos valores das indenizações, entre outros, a comunidade resistia ao máximo, encontrando força no grupo na ação coletiva, homens e mulheres se mobilizaram juntos. O movimento de resistência e luta no percurso da desapropriação revelou a identidade do grupo no enfrentamento aos interesses econômicos e políticos



do Estado. Conforme o entrevistado 3, “os acertos não correspondiam aos valores das benfeitorias que os moradores tinham. A comunidade já estava acostumada a se reunir toda semana em prol dos seus direitos e cada vez mais forte” (Entrevistado 3, 2021).

Contudo, a comunidade de Lagoa do Mato resistiu por vários anos ao processo da desapropriação e das relações de abusos do órgão para com os moradores. Lutou para defender os direitos, a dignidade e o espírito comunitário, sobretudo, o que revela que há uma disputa econômica por parte do Estado ao propor e viabilizar a construção de barragens, como pode ser constatado na entrevista.

1794

Foi um deslocamento sem planejamento uma imposição amarga que tivemos que aceitar, que ainda hoje, cerca de trinta anos, ainda colhemos os frutos maléficos dessa transição. Saímos de uma vida próspera para sermos jogados nas mazelas da sociedade, sem direito ao mínimo de dignidade. (Entrevistado 4, 2021).

Em suma, a respeito dos conflitos, a resistência e o enfrentamento marcaram o ideário coletivo dessa comunidade, vítimas de um projeto idealizado pelos interesses econômicos dominantes, fruto de uma lógica capitalista, deixando à própria sorte os atingidos por barragens.

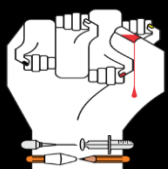
CONCLUSÕES

Até o presente momento da pesquisa ficaram evidentes, através das narrativas, uma memória social construída de uma experiência totalmente marcada pelas lutas e pelos conflitos sociais. A comunidade resistiu às investidas do Estado que não cumpriu com os acordos firmados. Por fim, os moradores foram impactados negativamente pela construção da barragem, gerando implicações no contexto social, econômico e cultural de toda a comunidade, trazendo marcas profundas que persistem na memória e na história da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Lutas Sociais. Desapropriação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral:** a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.



CODEVASF - COMISSÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO. **Possibilidades de aproveitamento do rio Paramirim nos locais de Balaios e Água Quente, no Estado da Bahia**: Rio de Janeiro: Hidroservice, 1960.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HABERMAS, Jurgen. "New social movements". Telos, New York, 1981.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

MELUCCI, Alberto. **The new social movements**: A theoretical approach. Social science information, 1980.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB): Brasil. **Quem somos**. Disponível em: <https://mab.org.br/quem-somos/>. Acesso em 19 mar. 2022.

TOURAINÉ, Alain. **Os novos conflitos sociais para evitar mal-entendidos**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, 1989.

1795

Realização:



Apoio:

